

## Carta e Poema V

### *Nirvana*

Tudo foi abolido, exceto o mudo Só.

A mente e o coração, de pensamento e de pesares liberados,

Tornam-se agora incrivelmente inexistentes;

Não há Eu, nem Natureza, conhecido-desconhecido.

A cidade, um quadro de sombras sem nuance,

Flutua, palpita irreal; formas sem relevo

Vagueiam, imagens vazias de um cinema; como um recife

Afundando nos abismos sem margem, o mundo acabou.

Somente o Permanente ilimitável

Está aqui. Uma Paz estupenda, sem feições, imóvel,

Substitui tudo, – aquilo que, um dia, era Eu, n'Ela

Um vazio sem-nome, silencioso, contente

De esvaecer-se no Incognoscível

Ou de vibrar com os mares luminosos do Infinito.

(Sri Aurobindo, 1933/34)

[...]

No Oriente, particularmente na Índia, os pensadores metafísicos tentaram, como no Ocidente, determinar pelo intelecto a natureza da Verdade mais alta. Porém, em primeiro lugar, eles não deram ao pensamento mental o grau mais elevado enquanto instrumento de descoberta da Verdade, mas apenas um status secundário. O primeiro lugar sempre foi dado à intuição espiritual, à iluminação e à experiência espiritual; uma conclusão intelectual que contradissesse essa autoridade suprema era considerada não válida. Em segundo lugar, cada filosofia armou-se com um meio prático para alcançar o estado supremo de consciência, de tal modo que, mesmo quando se começava a partir do pensamento, o objetivo era chegar a uma consciência mais além do pensamento mental. Cada filósofo fundador (assim como aqueles que continuavam seu trabalho ou sua escola) foi um pensador metafísico assim como um iogue. Aqueles que eram apenas filósofos intelectuais eram respeitados por sua erudição, mas nunca ocupavam o lugar de descobridores da verdade. E as filosofias a que faltassem meios suficientemente poderosos para alcançar a experiência espiritual extinguíam-se e tornavam-se coisas do passado, porque não possuíam o dinamismo para a descoberta e a realização espirituais.

No Ocidente, foi exatamente o contrário que se passou. O pensamento, o intelecto, a razão lógica vieram a ser considerados cada vez mais como o meio mais elevado e mesmo o objetivo mais elevado; na filosofia, o Pensamento é o início e o fim de tudo: É pela reflexão e especulação intelectuais que a verdade deve ser descoberta; mesmo a experiência espiritual foi convocada para submeter-se aos testes do intelecto, se quisesse ser considerada válida – justo o contrário da atitude indiana. Mesmo aqueles que veem que o Pensamento mental deveria ser ultrapassado e admitem uma “Outra Coisa” supramental, não parecem escapar ao sentimento de que é pelo Pensamento mental, sublimando-se e transmutando-se, que esta outra Verdade deve ser alcançada e tomar o lugar da limitação e ignorância mentais. E uma vez mais, o pensamento ocidental cessou de ser dinâmico; ele buscou uma teoria das coisas, não uma realização. Ele era ainda dinâmico entre os gregos antigos, mas para fins morais e estéticos, antes que espirituais. Mais tarde, tornou-se ainda mais puramente intelectual e acadêmico; tornou-se especulação intelectual apenas, sem nenhuma via, nenhum meio prático para alcançar a Verdade pela experiência espiritual, pela descoberta espiritual, por uma transformação espiritual. Sem essa diferença, não haveria razão para que buscadores como você se voltassem para o Oriente para encontrar uma guia; pois no campo puramente intelectual, os pensadores ocidentais são tão competentes quanto qualquer sábio oriental. É a via espiritual, a estrada que conduz para além dos níveis do intelecto, a passagem do ser exterior ao Self mais profundo, que a mente da Europa perdeu ao superintelectualizar-se.

[...]

Sri Aurobindo, *Letters on Yoga* (Centenary edition, vol. 22, pages 159/60)